



Jantar Memorial Winston Churchill



Churchill era um Democrata?

O título da minha palestra esta noite é “Era Churchill um democrata?” Assim, de certo modo, parece ser uma palestra muito fácil de proferir.

Quando disse à minha mulher Andrea o que estava a pensar fazer ela perguntou-me se eu ia mesmo viajar quase duas mil milhas para me pôr de pé após um jantar, anunciar este título, dizer “sim – ele era” e sentar-me de novo. Isso pode ser tentador. Mas será assim tão simples?



POR
**Allen
Packwood**

Director do Churchill
Archive, Churchill
College, Cambridge

Permitam-me que faça uma citação de um artigo que será familiar a alguns dos Churchillianos aqui presentes. Intitula-se *Fifty Years Hence* (*Daqui a Cinquenta Anos*) e era um olhar para aquilo que o futuro poderia trazer, escrito por Churchill e publicado pela primeira vez na revista *Strand* em 1931, quando tinha 55 anos e prestes a embarcar numa década de deserto político. Foi mais tarde republicado na antologia dos seus en-





saio intitulada *Thoughts and Adventures* (*Pensamentos e Aventuras*). Churchill escreveu o seguinte:

“Há muito que se sabe que a democracia como um guia ou motivo para o progresso é incompetente. Nenhuma das assembleias legislativas dos grandes Estados modernos representa, em sufrágio universal, sequer uma fracção da força ou sabedoria da comunidade. As grandes nações já não são governadas pelos homens mais capazes, ou por aqueles que mais sabem sobre os seus assuntos mais imediatos, ou mesmo por aqueles que têm uma doutrina coerente. Os governos democráticos vão seguindo por uma via de menor resistência, com decisões superficiais, sustentando-se à custa de dádivas e subsídios, e facilitando o seu caminho com platitudes agradáveis.”

Desde a sua morte, senão mesmo desde 1945, que Winston Churchill decididamente se transformou num ícone da democracia. E durante a Segunda Guerra Mundial? Se a América de Roosevelt representava o arsenal de democracia, então seguramente era Churchill o seu porta-voz? Não há dúvida de que ele era um grande orador. Os seus discursos famosos continuam a ser citados, correcta e incorrectamente, e as suas palavras de maior impacto tornaram-se praticamente ubíquas. Pensem só em quantas frases de Churchill podem citar sem sequer se esforçarem muito...

Não tenho nada para oferecer a não ser sangue, trabalho, lágrimas e suor; Se o Império Britânico e a sua Commonwealth durar mil anos, os homens dirão, esta foi a sua melhor época; Nunca, no campo do conflito humano, foi tanto devido por tantos a tão poucos; Desde Stettin no Báltico até Trieste no Adriático uma cortina de ferro caiu sobre o continente.

Em Abril de 1963 o Presidente Kennedy citou famosamente Edward R. Murrow, se bem que o próprio Murrow poderá ter citado Beverley Nichols, e afirmou que Churchill tinha mobilizado a língua inglesa e a tinha enviado para a luta. Churchill disse que apenas lhe tinha cabido a tarefa de dar o rugido de leão.

A maioria dos historiadores e observadores informados também concordaria com o facto de ele ser um líder de guerra de grande talento, e o homem certo para energizar a classe política e militar durante a crise do Verão de 1940.

No entanto, isto não quer dizer que os seus contemporâneos o tenham visto sempre em termos democráticos. De acordo com Lloyd George, “Ele estragou-se ao ler sobre Napoleão”, enquanto Rab Butler viu-o como “um mestiço americano e o maior aventureiro político dos tempos modernos”, Lord Beaverbrook – de certo modo ironicamente, dada a sua própria reputação – achou que, “Churchill na crista da onda tem nele a matéria de que são feitos os tiranos” e Aneurin Bevan descartou-o como “um homem que sofria de adolescência petrificada”. Talvez Churchill tivesse respondido, tal como o fez a Violet Bonham Carter, afirmando “que somos todos vermes, mas eu creio que sou um vaga-lume”.

Diria então, um homem de palavras e de actos. Mas seria ele um democrata?

É certo que teve uma longa carreira na política democrática. Foi eleito pela primeira vez para o Parlamento Britânico quando tinha vinte-cinco anos, em 1900, e, à exclusão de um pequeno intervalo no início dos anos vinte, ali ficou até poucos meses antes do seu nonagésimo – e último – aniversário em 1964. Foi uma carreira durante a qual exerceu a maioria das funções mais importantes do Estado, apesar de não ter sido uma carreira sem contradições ou mesmo contradições aparentes.

Ele foi, afinal de contas...

Neto de um duque, que recusou um Ducado, preferindo durante a velhice permanecer na Câmara dos Comuns como apenas Sr. Churchill.

Ele foi...

O jovem Conservador que desertou para os Liberais e depois regressou ao redil Conservador, alegadamente afirmando que “qualquer pessoa pode ser vira-casacas mas é preciso um certo talento para revirar a casaca”.

Ele foi...

O Presidente radical da Junta de Comércio, pioneiro do seguro de desemprego e dos centros de emprego, mas também foi o Ministro da Administração Interna reacionário que se opôs aos conflitos na área da indústria e se recusou a apoiar as sufragistas;

E também foi...

O opositor ferrenho do totalitarismo, o tormento do bolchevismo e do fascismo, que lutou ferozmente contra a cedência de maior autonomia à Índia, e que famosamente descartou Gandhi como “um faquir meio despido”.

Seria ele então apenas um oportunista? Um corsário, como o descreveu recentemente Lord Hurd. Ou será que podemos identificar um conjunto claro de crenças base? E se pudermos, serão elas as de um democrata? É certo que Churchill não era Republicano. Clementine Churchill disse que pensava que o seu marido era o último crente no direito divino dos reis. Em 1934 Churchill escreveu um artigo lamentando o “verdadeiro holocausto das Coroas” resultante da Primeira Guerra Mundial, explicando que durante a sua vida tinha “assistido à destruição e derrube das Casas Imperiais do Brasil, China, Turquia e na Europa à dos Romanovs, dos Hohenzollerns e dos Hapsburgs, e à abolição das monarquias da Grécia, Espanha e de todos os Estados Germânicos”. Para ele isto representava uma tragédia, “a ideia ridícula de que as repúblicas são mais livres ou mais bem governadas do que as monarquias dominou os autores dos tratados em Paris” e “também se podia mencionar Portugal e Espanha, que também mergulharam num mar de problemas e se eclipsaram desde que correram com os seus soberanos...”.

Nem nunca foi um defensor consistente do sufrágio universal. Como indiquei há momentos, enquanto jovem

“Ele foi o jovem Conservador que desertou para os Liberais e depois regressou ao redil Conservador, alegadamente afirmando que “qualquer pessoa pode ser vira-casacas mas é preciso um certo talento para revirar a casaca”

ESPECIAL | WINSTON CHURCHILL



Penso que aquilo que vemos nestes artigos não é um desejo de Churchill de acabar com a democracia mas uma tentativa de encontrar uma forma de apoiar as instituições democráticas

político na época Eduardiana recusou-se a apoiar o movimento sufragista, famosamente afirmando que não seria dominado pelas mulheres. Como resultado foi alvo das sufragistas, que tocaram sinos e o atacaram com chicotes de cão. No entanto, a sua preocupação com o sufrágio não se restringia às mulheres. No seu artigo “Estarão os Parlamentos Obsoletos”, também escrito e publicado em 1934, expressou a opinião de que o sufrágio universal pode ser perigoso se permitir que elementos sem instrução ganhem controlo da constituição. “Que resultado lamentável seria se as democracias britânica e americana, após terem concedido o direito universal de voto, dissipassem assim em poucos anos, ou do dia para a noite, todos os tesouros, há muito acumulados e obtidos tão arduamente, da nossa ilha civilizacional. Isso não pode acontecer.” No seu texto Churchill estava preparado para sugerir dar esse direito de voto aos “elementos mais instruídos e responsáveis.” “Se fomos demasiado rápido ou demasiado longe na abertura da base de cidadania, e se o resultado põe em perigo o bem-estar permanente do pacto britânico, não podemos hesitar em reconstituir os nossos passos no sentido de encurtar a distância.”

Mas os artigos que mencionei devem

ser vistos no contexto do seu tempo e lugar. “Fifty Years Hence” foi escrito em 1931, quando o mundo estava ainda atordoado devido ao caos económico despoletado pela queda de Wall Street, e quando toda a noção de progresso humano parecia estar em aberto, enquanto os seus artigos “Will the world swing back to Monarchies” e “Are Parliaments Obsolete” foram produto de 1934; um ano que viu Hitler pôr de lado todos os vestígios de democracia na Alemanha, os japoneses consolidarem o seu controlo sobre a Manchúria, Mussolini começar a ameaçar a Abissínia, e Oswald Mosley e os seus camisas negras no seu período mais activo nas ruas de Londres.

É muito fácil para nós tomarmos as nossas liberdades como um dado adquirido e esquecermo-nos do quanto elas pareciam frágeis em meados do século XX, quando foram ameaçadas pelo colapso económico e pelo aparecimento de novos sistemas totalitários. Pesquisei na internet para ver quantas democracias existem hoje no mundo. Claro que não consegui obter um resultado exacto. Mas parece que, de cerca de 200 países, existem entre 80 e 120 com regimes que integram elementos da democracia. Obviamente que nos últimos anos estes números têm vindo a flutuar

ligeiramente. Será que podemos contar com a Líbia? Ou o Egipto? Mas, façam a seguinte pergunta. Quantas democracias existiam há setenta e dois anos, em 1941 – quando o império de Hitler atingiu o seu apogeu? Mais uma vez, depende de como definimos a democracia. Mas a resposta é talvez uma dúzia, com o totalitarismo e a ditadura a dominarem a maior parte do mundo.

Quando Churchill escreveu os artigos que acabei de citar durante a década de trinta, as democracias parlamentares pareciam estar a vacilar. As estrelas em ascensão no firmamento internacional eram a União Soviética comunista, o Japão imperial, a Itália fascista e a Alemanha nazi. Penso que aquilo que vemos nestes artigos não é um desejo de Churchill de acabar com a democracia mas uma tentativa de encontrar uma forma de apoiar as instituições democráticas. Em particular, vemo-lo em luta com o perigo de dar demasiado poder ao povo, se o povo apenas usa esse poder para derrubar estruturas democráticas e instalar uma ditadura. Churchill não estava certamente a defender um regresso à monarquia absoluta, mas era a favor do “Conceito Inglês de uma monarquia limitada, onde o Soberano reina mas não governa” argumentando que este modelo “ainda tem validade como instrumento prático e como forma de auto preservação nacional contra qualquer tipo de república e toda a espécie de ditadura”.

Por outras palavras, Churchill considerava que o sufrágio era um elemento da democracia, mas apenas um elemento, que emergiu e era sustentado por todo um conjunto de direitos que tinham sido criados ao longo dos séculos, e que os eleitores não deveriam simplesmente ser autorizados a derrubar. Estes, ele resumiu como sendo: “liberdade de religião, liberdade de pensamento, liberdade de movimento, liberdade de escolher ou de mudar de emprego. A inviolabilidade de qualquer casa, mesmo a mais modesta; o direito e o poder conferidos ao cidadão de recorrer a tribunais imparciais contra o Estado e os Ministros vigentes; liberdade de expressão e de escrita; liberdade de imprensa; liberdade de associação e de agitação dentro dos limites das leis há muito estabelecidas; direito de uma oposição regular ao Governo; o poder de derrubar um Governo e de o substituir,



THE CHURCHILL CENTRE AND SOCIETIES

UNITED STATES | UNITED KINGDOM | CANADA | PORTUGAL | AUSTRALIA

Fundado em 1968 para fomentar a liderança, o sentido de Estado, visão e coragem entre os povos democráticos e amantes da liberdade, através do pensamento, trabalho e obra de Winston Spencer Churchill.

INTERNATIONAL CHURCHILL SOCIETY OF PORTUGAL



Celia Sandys, neta de Winston Churchill, no Jantar Anual do ICSP, Estoril

Ao tornar-se membro da International Churchill Society of Portugal beneficiará das seguintes condições: Revista *Finest Hour* (trimestral) | Desconto nos livros adquiridos através de The Churchill Centre and Societies | Informação sobre e acesso a eventos em todas as secções nacionais de The Churchill Centre and Societies (incluindo EUA, Reino Unido, Canadá, Portugal e Austrália).

MEMBROS HONORÁRIOS

PATRON The Lady Soames, D.B.E. • The Lord Black of Crossharbour, OC PC (C) • Winston S. Churchill
Sir Martin Gilbert CBE • The Lord Deedes KBE MC PC DL • Robert Hardy CBE • William Manchester
The Duke of Marlborough JP DL • Sir Anthony Montague Browne KCMG CBE DFC Elizabeth Nel
Colin L. Powell KCB • Wendy Russell Reves • Ambassador Paul H. Robinson, Jr.
The Lady Thatcher LG OM PC FRS • The Hon. Caspar W. Weinberger GBE



FICHA DE INSCRIÇÃO

Cheque à ordem de 'International Churchill Society - Portugal', enviar para:
International Churchill Society of Portugal Instituto de Estudos Políticos da
Universidade Católica Portuguesa, Palma de Cima, 1649-023 Lisboa
Tel. +351 217 214 129 | Fax +351 217 271 836 | E-mail secretariado.iep@iep.lisboa.ucp.pt

QUOTA ANUAL 2013

Portugal / Outros Países de Língua Portuguesa

- ☐ Sócio € 67,5 / € 77,5
- ☐ Família € 71,25 / € 81,25
- ☐ Benfeitor € 82,50 / € 92,5
- ☐ Empresa € 150 / € 160
- ☐ Estudante (com menos de 18 anos) € 30 / € 40

Sócio Proponente _____ Assinatura _____

Nome _____

Morada _____ Localidade _____

Código Postal _____ Telefone _____ Fax _____ Tm _____

E-mail _____ Profissão _____ Idade (opcional) _____

(caso não conheça nenhum sócio, submeta-nos a sua candidatura)



de forma constitucional, com outros elementos; e finalmente o sentido de associação com o Estado e alguma responsabilidade pelos seus actos e conduta...”

Esta era a resposta de Churchill à ditadura. Esta era a sua visão do que é que a democracia parlamentar ocidental tinha capacidade de garantir. Desde a Magna Carta até à Declaração dos Direitos Americana e ao Great British Reform Act de 1832, Churchill considerava que as liberdades tão arduamente conseguidas e consagradas na lei e protegidas por Parlamentos eram uma dádiva particular ao mundo, por parte da raça britânica e dos povos de língua inglesa. A sua democracia era moldada pela história, pela tradição e pelo dever, misturando os melhores elementos reacçãoários e revolucionários; as ideologias e paixões populares da Guerra Civil Inglesa, e das revoluções francesa e americana atenuadas pela lógica fria do direito comum inglês e pela monarquia constitucional. Como tal, eu argumentaria que se trata de uma visão que concilia os diferentes aspectos da sua carreira e do seu carácter. Permite que o neto de um Duque adopte legislação social e ao mesmo tempo imponha limites claros ao seu radicalismo; permite que uma democracia parlamentar governe um Império. Na realidade, a liberdade de escolher ou de mudar de emprego até se estende às suas próprias mudanças de lealdade política ou partidária. De certeza que Churchill argumentaria que aderiu ao Partido Liberal em 1904 para proteger a liberdade de comércio, opondo-se às reformas conservadoras sobre tarifas, e voltou a aderir ao Partido Conservador em 1924 para defender as liberdades britânicas contra o espectro do comunismo. O desenvolvimento destes valores e instituições democráticas foi o tema da sua última grande obra, a sua *History of the English-Speaking Peoples (História dos Povos de Língua Inglesa)*, começado em finais dos anos trinta quando a democracia ocidental se enfrentava com o desafio do fascismo, e acabado durante a década de cinquenta quando a ameaça era o comunismo soviético.

Mencionei previamente que Churchill era um homem de palavras e de actos. Churchill o artífice de palavras era certamente um democrata. Diz o ditado que os actos falam mais alto do que as palavras. No caso de Churchill



Em 1947, graças em grande parte a Churchill, a democracia era de novo uma convicção global e ele foi capaz de encarar o sufrágio universal como parte da solução

não penso que isso seja necessariamente verdade. As suas palavras continuam a fazer eco através das gerações. Mas se o julgarmos pelos seus actos, eles são sem dúvida os actos de um democrata.

Churchill passou a sua vida a trabalhar dentro do sistema parlamentar britânico, passando por uma enorme quantidade de eleições e fazendo campanha no parlamento a favor de inúmeras questões. Quer a causa fosse comércio livre, o orçamento da marinha, oposição à independência índia, ou o rearmamento, ficamos com a impressão de que ele estava no seu melhor quando envolvido em debate. Jock Colville achou que o discurso “Finest Hour” de 18 de Junho de 1940 foi muito melhor

quando foi proferido a uma Câmara dos Comuns apinhada do que mais tarde na rádio, frente ao microfone solitário da BBC. Como Primeiro Ministro da guerra Churchill ia ao Parlamento com regularidade, proferindo aí discursos que na época não foram difundidos, tal como o famoso discurso “Never in the field of human conflict” de 20 de Agosto de 1940, que apenas foi gravado após a guerra. Mantinha os membros do parlamento informados através de briefings de sessões secretas. Submetia-se a perguntas e a críticas, e ainda sofreu a indignidade de ter de contestar duas moções de não confiança do seu Governo durante o período sombrio da primeira metade de 1942. É verdade que as ganhou facilmente, mas podem imaginar Hitler ou Estaline a pensar sequer nessa possibilidade. Acabarei com a mais famosa citação de Churchill sobre a democracia. Apropriadamente, foi proferida na Câmara dos Comuns a 11 de Novembro de 1947. Curiosamente, ele não alega que as palavras sejam originais, mas depois de tudo o que eu disse espero que entendam porque é que elas passaram a fazer parte do seu cânone. Pois ele disse, “Neste mundo de pecado e de aflição já foram experimentadas e continuarão a ser experimentadas muitas formas de governo. Ninguém considera a democracia perfeita ou plenamente sábia. Na realidade, já foi dito que a democracia é a pior forma de governo, à excepção de todas as outras formas de governo que já foram experimentadas ao longo dos tempos.” Até aqui já ouviram antes, mas o que Churchill continuou a dizer, com palavras que eram sem dúvida suas, foi: “mas existe um sentimento amplo no nosso país de que as pessoas deveriam governar, governar continuamente, e de que a opinião pública, expressa por todos os meios constitucionais, deveria moldar, guiar e controlar os actos dos Ministros que são seus servos e não os seus Chefes”. Em 1947, graças em grande parte a Churchill, a democracia era de novo uma convicção global e ele foi capaz de encarar o sufrágio universal como parte da solução.

Então, será que Churchill era um democrata? Espero que se sintam aliviados ao me ouvirem dizer – sim – se bem que, por vezes, isso deve ter sido bem difícil para ele. ■